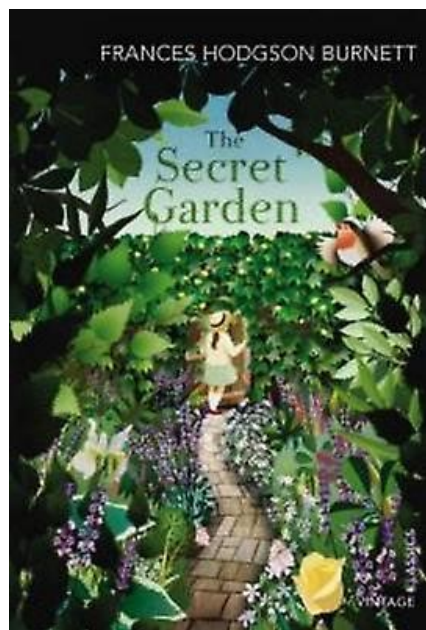


Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

***Do Inferno à Arcádia:
Alusões Imperiais em The Secret Garden***



Marisa Alexandra da Silva Martins
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova
ORCID ID: 0000-0002-7642-3857

Num dos poucos estudos que privilegia a Literatura Infantil à luz dos Estudos Pós-Coloniais, Daphne M. Kutzer explica como o império britânico perpassa todos os clássicos infantis ingleses do século XIX, marcando, ainda, presença nos séculos XX e XXI.¹ Primeiramente serializado entre 1910 e 1911, *The Secret Garden* de Frances Hodgson Burnett não é exceção,² pelo que, ao longo do romance, existem múltiplas referências ao império britânico e, conseqüentemente, críticas ao mesmo. O presente artigo propõe, assim, uma análise de algumas dessas alusões imperiais. Deste modo, começaremos por discutir o contraste climático entre a Índia e Inglaterra, as conseqüências sofridas pela família Lennox relativamente ao clima, bem como o passado colonial dos Craven, que tinge a saúde da família e, por fim, as soluções apontadas pela autora.

I – O Inferno

Fazendo uso do mito da deusa grega Perséfone, aplicando-o ao romance em estudo, Holly Blackford tece comparações entre Misselthwaite Manor e o reino do Hades.³ Diferimos, todavia, dado que o local que mais se assemelha ao submundo clássico é a Índia, tal como apresentada por Burnett.

Na obra, a Índia é descrita como assolada por temperaturas quase infernais, ares bafientos e húmidos – um clima, claramente, aliciante a doenças, em particular nos corpos mais vulneráveis das crianças. Vítima desse clima, a jovem protagonista da trama é caracterizada como demasiado magra, mal-humorada, débil e constantemente doente, originando-lhe tez amarela. Danijela Petkovic comenta como as más condições climáticas da Índia interferem na saúde e desenvolvimento

¹ Cf. Daphne M. Kutzer. *Empire's Children: Empire and Imperialism in Classic British Children's Books* (New York/London: Garland Publishing, 2000), xiv.

² Frances Hodgson Burnett. *The Secret Garden* (Oxford: Oxford University Press, 2011), [1911].

³ Cf. Holly Blackford. "Maiden, Mother, Mysteries: The Myth of Persephone in *The Secret Garden*", in *Frances Hodgson Burnett's The Secret Garden: A Children's Classic at 100* (Plymouth: The Scarecrow Press, 2011), pp. 3-22.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

das crianças inglesas, particularmente das meninas e, por isto, pondo em risco o futuro do império.⁴ Contudo, Mary não é a única personagem a sofrer as consequências do clima indiano. Se Burnett aponta a Índia como a responsável pela fraqueza e falta de saúde da criança, o império é, igualmente, o motivo pelo qual *Mr* e *Mrs* Lennox falham nas suas missões.

A única referência que Burnett devota a *Mr* Lennox acentua a fragilidade da saúde do administrador colonial. O leitor está livre, pois, de pressupor que a debilidade do chefe da família Lennox põe em risco a eficiência da missão que este deve cumprir no império. Por outro lado, as críticas apontadas a *Mrs* Lennox são mais ferozes. Na conjuntura imperial, as mulheres desempenham um papel importante, não somente no império doméstico (nas casas inglesas) como também nas colônias. Nas longínquas terras da Rainha Vitória, as mulheres podiam desempenhar o papel de esposas, apoiando os maridos nos respectivos cargos administrativos ou podiam tornar-se missionárias e educadoras.⁵ Todavia, no início do romance, *Mrs* Lennox é, meramente, descrita como bela:

"A great beauty who cared only to go to parties and amuse herself with gay people. She had not wanted a little girl at all, and when Mary was born she handed her over to the care of an Ayah, who was made to understand that if she wished to please the Mem Sahib she must keep the child out of sight as much as possible. So when she was a sickly, fretful, ugly little baby she was kept out of the way, and when she became a sickly, fretful, toddling thing she was kept out of the way also" (p. 5).

Além disto, o romance aponta, subtilmente, a possível infidelidade de *Mrs* Lennox: "She was with a fair young man, and they stood talking together in low, strange voices" (p. 6). *Mrs* Lennox não apenas falha como mãe, mas, também, enquanto esposa. Estas falhas têm consequências em Mary e podem, ainda, malograr o futuro do império.

⁴ Cf. Danijela Petkovic. "'India is Quite Different from Yorkshire': Empire(s), Orientalism, and Gender in Burnett's *Secret Garden*." *Linguistics and Literature* (Vol. 4, No. 1, 2006), pp. 85-96, <http://facta.junis.ni.ac.rs/lal/lal2006/lal2006-09.pdf>.

⁵ Cf. Kutzer, p. 48. A autora explica também como as mulheres, mesmo em Inglaterra, se incluíam na propaganda imperial.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

Devido à saúde frágil e personalidade temperamental, Mary é vista como uma criança "quite contrary", sendo que os seus defeitos advêm das falhas dos pais. Por seu turno, à semelhança de Mrs Lennox, a Índia apresenta-se como uma péssima mãe. Além de interferir na saúde física e mental dos Ingleses, a Índia não é habitada por pessoas íntegras. A própria *Ayah* de Mary não somente é incapaz de dar educação à jovem, como ainda sofre de maus tratos físicos por parte da criança.⁶

Além de o clima indiano desencadear consequências negativas na personalidade e saúde das personagens, a própria Índia apresenta-se como um local de doenças e, conseqüentemente, de morte. O romance inicia-se, de resto, com o surto de cólera responsável pela morte dos pais e da *Ayah* da jovem. A ida de Mary Lennox a Inglaterra deve-se a este episódio que dizimou os entes mais próximos. À jovem restava-lhe apenas o misterioso tio Archibald Craven, senhor de Misselthwaite Manor.

Mary terá de abdicar da sua *contrariness*, a fim de sobreviver em solo inglês.

II – Arcádia

Por oposição à Índia, em Inglaterra Mary conhece, pela primeira vez, os *moors*. Esta paisagem ventosa e tipicamente britânica perturba a criança, enfatizando como esta se sente deslocada e perdida naquele novo território, tão diferente da colônia na qual passou toda a sua vida. Contrastando totalmente com a sua antiga *Ayah*, Martha Sowerby acaba por motivar Mary a explorar o terreno fora da mansão, dizendo como o seu irmão mais novo (Dickon) passa os dias nos *moors*. Contudo, os *moors* não são a paisagem ideal para Mary. A jovem confunde-os, inclusivamente, com o mar e não os aprecia. Mrs Medlock explica a Mary que nada cresce nos *moors*, unicamente urze, tojo e giesta. Susan E. James declara que a descoberta do jardim secreto é uma fuga aos *moors*: "not only from the unpredictability of the 'outside' natural world but from the unpredictability of adult human notions".⁷

⁶ "You don't know anything about natives! They are not people – they're servants who must salaam to you. You know nothing about India", p. 23.

⁷ Susan E. James. "Wuthering Heights for Children: Frances Hodgson Burnett's *The Secret Garden*." *Connotations* 10, no. 1 (2000/2001): 61-62.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

A transformação da jovem começa através do contacto que estabelece com a Natureza, motivada por Martha Sowerby. Assim, e ao contrário da *Ayah*, Martha actua directamente na cura de Mary, transformando-a de uma criança "quite contrary" numa criança saudável e feliz:

"When she began to talk quickly or even run along the paths and down the avenue, she was stirring her slow blood and making herself stronger by fighting with the wind which swept down from the moor. She ran only to make herself warm, and she hated the wind which rushed at her face and roared and held her back as if it were some giant she could not see. But the big breaths of rough fresh air blown over the heather filled her lungs with something which was good for her whole body and whipped some red colour into her cheeks and brightened her dull eyes" (p. 34).

O ar fresco dos *moors* devolvem vitalidade e saúde a Mary. É ao respirar o ar daqueles terrenos – paisagem caracteristicamente inglesa – que a jovem perde a tez amarela e, em troca, ganha vigor, força e apetite. Durante os seus anos na Índia, Mary sofria de falta de apetite e a muito se deveu à carência de cuidados maternos. Holly Bradford comenta:

"The symbol of the maternal body that cooks for and nourished children, also literally feeding them from the body, is inseparable from women's role in Western domestic economy [...]. Cooking is a means by which the female body becomes a divine object of sacrifice for family communion".⁸

Deste modo, Burnett também culpa *Mrs Lennox* (e, conseqüentemente, o império) de não ser capaz de cuidar da filha, nem sequer de se preocupar quanto à alimentação da jovem. Ao invés, em Inglaterra, Mary encontra figuras maternas por excelência: a mãe Natureza (jardim secreto, onde ainda paira o espírito da falecida *Mrs Craven*) e a mãe inglesa, *Mrs Sowerby*, que lhe proporciona uma alimentação britânica.

⁸ Cf. Holly Bradford. "Recipe for Reciprocity and Repression: The Politics of Cooking and Consumption in Girls' Coming-of-Age Literature", in *Critical Approaches to Food in Children's Literature*. (London/New York: Routledge, 2009), p. 42.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

No decorrer das explorações de Mary pelos terrenos à volta da mansão, o apetite da jovem vai aumentando. Nos primeiros dias da chegada a Inglaterra, Mary recusa comer *porridge*. A recusa pelo pequeno-almoço põe dois factos em evidência. Primeiramente, demarca a personalidade deveras mimada e rebelde da criança, que nunca havia sido educada nem contrariada. Em segundo lugar, destaca como a jovem resiste a Inglaterra.

O *porridge* penetrou a dieta humana desde as civilizações egípcias e mesopotâmicas. De acordo com Rachel Laudan, os Romanos haviam construído o seu império à base de *barley porridge*, visto que era uma refeição bastante apreciada pela cozinha militar.⁹ Capaz de alimentar inúmeros exércitos ao longo dos tempos, o *porridge* provou-se, deste modo, ser um excelente construtor de impérios. Devido ao fácil cultivo de grãos e cereais, a partir do século XVIII, as camadas mais desfavorecidas da população dependiam de *porridge* para sobreviverem. Além disto, era uma refeição muito nutritiva, destacadamente para as crianças, daí que seja possível traçar a sua presença nos contos de Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm, bem como nos clássicos de Literatura Infantil. *The Secret Garden* não é excepção, pelo que, aquando da sua publicação, o *porridge* já se havia tornado parte integrante da tradição alimentar britânica. Assim sendo, quando Mary Lennox recusa este pequeno-almoço, refuta, indirectamente, a sua mudança para Inglaterra, sublinhando, uma vez mais, como se sente deslocada numa cultura tão diferente daquela que conhece. Todavia, a criança não resiste por muito tempo:

"After a few days spent almost entirely out of doors she wakened one morning knowing what it was to be hungry, and when she sat down to her breakfast she did not glance disdainfully at her porridge and push it away, but took up her spoon and began to eat it and went on eating it until her bowl was empty" (p. 34).

Martha diz à jovem que o responsável pelo súbito apetite é o vento, o ar dos *moors*. A criada acrescenta, ainda, que, caso a criança continue a passar os dias fora da mansão, irá deixar de ser tão magra e amarela. Se Mary passar os dias na

⁹ Cf. Rachel Laudan. *Cuisine and Empire. Cooking in World History* (London/Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2013), p. 33 e p. 76. Cf. Jill Neimark, "Porridge, The Food That Built Empires, Stages A Savory Comeback," *WYSO*, October 27, 2016, <https://www.wyso.org/2016-10-27/porridge-the-food-that-built-empires-stages-a-savory-comeback>.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

moorland perderá a influência que a Índia impôs no próprio corpo, resultando, de igual modo, na perda da sua *contrariness*. O corpo da criança é um meio através do qual Burnett critica o império e o impacto negativo que este tem nos Britânicos.

Misselthwaite Manor é tão importante no romance quanto os *moors* e o jardim secreto. Quando chove, Mary não pode explorar o exterior, pelo que a chuva convida a criança a desvendar os segredos da mansão de uma centena de quartos com portas fechadas (pp. 41-42).¹⁰

Durante as aventuras pela casa, Mary comenta como não viu nada vivo (p. 43). Esta conclusão pode transportar a jovem de volta à Índia, onde nada parecia crescer ou ter vida e, ao invés, pairava abandono e morte. A mansão representa, por isso, o passado de Mary na Índia. No decorrer das várias explorações ao interior da casa, Mary percorre corredores repletos de retratos coloniais: "There was a stiff, plain little girl rather like herself. She wore a green brocade dress and held a green parrot on her finger" (p. 42).

Um evento de maior importância no romance ocorre quando Mary encontra o quarto indiano: "In one room, which looked like a lady's sitting-room, the hangings were all embroidered velvet, and in a cabinet were about a hundred little elephants made of ivory [...] Mary had seen carved ivory in India and she knew all about elephants" (p. 43). Portanto, entre Mary e os aposentos de Colin encontra-se o quarto indiano, a prova mais relevante da envolvimento dos Craven no império e, particularmente, a ligação da família à Índia. No quarto indiano reside, ainda, uma crítica ao império. Danielle Price explica:

"These elephants are made from the very item for which their models would have been killed. The ivory is a reminder of all material extracted from the colonies that support the prosperity and leisure of the British – here figured in the room designed for leisure, the sitting room. In this

¹⁰ Segundo Michelle Beissel Heath: "Edwardian literature is filled with images of playful children and particularly of female children exploring and experiencing the possible gendered dimensions of play. Nowhere is this more the case than in moments of domesticity". Tendo sido publicado em 1911, *The Secret Garden* é fortemente influenciado pela época eduardiana, responsável por ter dado mais liberdade às crianças. Cf. Michelle Beissel Heath. "Playing at House and Playing at Home: The Domestic Discourses of Games in Edwardian Fiction of Childhood", in *Childhood in Edwardian Fiction. Worlds Enough and Time* (New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009), p. 90.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

passage the wild and exotic has been miniaturized, made controllable,
and placed behind glass for display" (p. 11).¹¹

Burnett não desperdiça uma oportunidade para aludir à violência que enegrece o império e tinge os Britânicos. Deste modo, e afastando-se do que seria espectável aos autores da época, expõe um modelo de infância diferente, repleto de explorações na Natureza, no império doméstico e no seio familiar.

Numa mera exploração pela mansão, Mary descobre que, tanto ela como Misselthwaite Manor, partilham uma ligação à Índia. Embora o romance não permita certezas, pode acreditar-se que Misselthwaite Manor é sustentada através das riquezas oriundas do império. O jardim secreto ajudará Mary a despedir-se do passado, pois o jardim (apesar de abandonado) representa Inglaterra, a Arcádia – um novo começo e, sobretudo, a cura.

Além de se tornar uma jardineira intuitiva e de ter ganhado apetite, Mary começa, também, a tomar gosto pelo exercício físico; através destes elementos e das vantagens que trouxeram saúde e bem-estar à jovem, Burnett sublinha a superioridade de Inglaterra. Como Carolyn Daniel afirma: "While the garden needs weeding and planting with seeds, the children need fresh air, natural food, and exercise".¹² A Índia, e consequentemente o império, é incapaz de proporcionar boas condições de vida às crianças, mas Inglaterra e o campo britânico apresentam-se como excelentes.

Por oposição à Índia, Yorkshire ensina Mary a interagir com animais dóceis. Na Índia, a jovem deparava-se somente com répteis e insectos, – animais associados a frieza e doenças – pelo que era incapaz de estabelecer uma relação de afectividade com o reino animal.¹³

Em contrapartida, os animais de Yorkshire ajudam Mary a converter o egocentrismo e a *contrariness* em amabilidade, gentileza e empatia. Destaca-se,

¹¹ Cf. Danielle R. Price. "Cultivating Mary: The Victorian *Secret Garden*", *Children's Literature Association Quarterly* (Vol. 16, No. 1, 2001), 4-14.

¹² Carolyn Daniel. *Voracious Children. Who Eats Whom in Children's Literature* (London/New York: Routledge, 2006), pp. 27-28.

¹³ Jessica Straley tece uma comparação entre as cobras fêmeas, que abandonam as suas crias assim que estas saem dos ovos, e *Mrs Lennox*, dado que a *Mem Sahib* nunca havia mostrado interesse na filha desde o seu nascimento. Cf Straley. *Evolution and Imagination in Victorian Children's Literature* (Cambridge: Cambridge University Press, 2016), p. 8.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

especificamente, o papel do tordo-americano na vida da criança, já que o pássaro é o primeiro a ajudar Mary a se identificar com Inglaterra. A respeito do tordo-americano, Phil Robinson declara que esta espécie em particular revela ter uma conexão especial com o espírito britânico, visto que são pássaros que permanecem felizes no inverno.¹⁴ Deste modo, o tordo-americano é uma ajuda essencial para que Mary se integre em Inglaterra. Simultaneamente, dado que é um pássaro sociável e cria ninhos, o tordo-americano transmite qualidades maternais à criança, que, posteriormente, utiliza em Colin Craven, curando-o também. Por último, o pássaro ajuda Mary a transpor barreiras, fazendo-a desafiar o confinamento e quietude esperados nas jovens e mulheres da época.

Jennifer Marchant afirma: "Mary, as a domestic and wild girl, comes to share the robin's role in bridging worlds, linking the sickly, house-confined Colin with the outdoors and with Dickon" (p. 68). Assim, à semelhança do tordo-americano, Mary estabelece a união de dois mundos, – o selvagem e o doméstico – afastando-se do papel da mulher victoriana.

Por outro lado, na figura de Dickon Sowerby, Burnett parece sugerir que a população mais pobre e humilde da sociedade é essencial para que as pessoas tingidas pelo império possam, novamente, recordar as suas origens e espírito britânico. No romance, Mary Lennox, Archibald e Colin Craven representam o grupo de pessoas que, por se envolverem directa ou indirectamente, sofreram uma influência negativa do império.

Da mesma forma, está, igualmente, implícito como a proximidade aos afazeres coloniais afastou *Mr Craven* da domesticidade inglesa, bem como do próprio filho, Colin. Ao ter-se aproximado do império, em detrimento da mansão e da família, *Mr Craven* afastou-se das suas origens e do espírito britânico. O jardim secreto representa, no romance, a feminilidade necessária aos homens e à saúde dos mesmos. No entanto, tal como Maureen M. Martin explica: "While Burnett advocates that men be influenced by women, she does not advocate that men *be*

¹⁴ Ainda sobre o tordo-americano em *The Secret Garden*, Jennifer Marchant comenta: "The fact that 'the typical English bird' so quickly takes a fancy to Mary further implies her connection with England". Cf. Marchant. "'A Real Person – Only Nicer': The Robin as a Companion Species", in *Frances Hodgson Burnett's The Secret Garden: A Children's Classic at 100* (Plymouth: The Scarecrow Press, 2011), p. 70.

women. Apparently, if a manly boy incorporates some feminine values, it does not make him effeminate; it instead tempers his manliness, making it stronger".¹⁵

No início do romance, tanto *Mr Craven* como *Colin* estão afastados dos valores femininos, isto é, do jardim secreto. Pai e filho, tristes e abandonados, são, constantemente, assombrados pela morte de *Mrs Craven*. A constante renúncia à Natureza equivale à abdicação da feminilidade e da cura. Para *Burnett*, a angústia de ambos é, assim, o resultado de um passado ligado ao império, bem como da ausência do poder feminino. Todas estas falhas se traduzem nas doenças que apavoram a família *Craven*: *Archibald* é corcovado e o filho acredita sofrer do mesmo. Estas duas personagens masculinas dão voz ao discurso de uma masculinidade em risco, que percorreu a era victoriana e o virar do século.¹⁶

Combatendo as negligências e os anseios da família *Craven*, *Mary* convida a Natureza a penetrar *Misselthwaite Manor*, curando todos aqueles que nela habitam. A intimidade com o lar, o poder curativo da Natureza e da feminilidade apresentam-se como as soluções à ameaça da degeneração e do império castrador. Segundo *Burnett*, essa missão deve ser levada a cabo pelas mulheres – as rosas inglesas do império.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

BURNETT, Frances Hodgson. *The Secret Garden*. Oxford: Oxford University Press, 2011 [1911].

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

BLACKFORD, Holly. "Recipe for Reciprocity and Repression: The Politics of Cooking and Consumption in Girls' Coming-of-Age Literature." In *Critical Approaches to Food in Children's Literature*, edited by Kara K. Keeling and Scott T. Pollard, 41-55. New York: Routledge, 2009.

----- . "Maiden, Mother, Mysteries: The Myth of Persephone in The Secret Garden." In *Frances Hodgson Burnett's The Secret Garden: A Children's Classic at 100*, edited by Jackie C. Horne and Joe Sutliff Sanders, 3-22. Plymouth: The Scarecrow Press, 2011.

HEATH, Michelle Beissel. "Playing at House and Playing at Home: The Domestic Discourses of Games in Edwardian Fiction of Childhood." In *Childhood in*

¹⁵ Maureen M. Martin. "Healing National Manhood in *The Secret Garden*", in *Frances Hodgson Burnett's The Secret Garden: A Children's Classic at 100* (Plymouth: The Scarecrow Press, 2011), p. 144.

¹⁶ Cf. Maureen M. Martin, p. 145.

Do Inferno à Arcádia: Alusões Imperiais em The Secret Garden,
Marisa da Silva Martins

Edwardian Fiction. Worlds Enough and Time. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.

- JAMES, Susan E. "Wuthering Heights for Children: Frances Hodgson Burnett's *The Secret Garden*." *Connotations* 10, no. 1 (2000/2001): pp. 59-76. <https://www.connotations.de/article/susan-e-james-wuthering-heights-for-children-frances-hodgson-burnetts-the-secret-garden/>
- KUTZER, Daphne M. *Empire's Children: Empire and Imperialism in Classic British Children's Books*. London/New York: Garland Publishing, 2000.
- LAUDAN, Rachel. *Cuisine and Empire. Cooking in World History*. London/Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2013.
- MARCHANT, Jennifer. "'A Real Person – Only Nicer': The Robin as a Companion Species." In *Frances Hodgson Burnett's The Secret Garden: A Children's Classic at 100*, edited by Jackie C. Horne and Joe Sutliff Sanders, 63-80. Plymouth: The Scarecrow Press, 2011.
- MARTIN, Maureen M. "Healing National Manhood in *The Secret Garden*." In *Frances Hodgson Burnett's The Secret Garden: A Children's Classic at 100*. Plymouth: The Scarecrow Press, 2011.
- MARTINS, Marisa Alexandra da Silva. "O Império Secreto no Jardim de Frances Hodgson Burnett: O Mapa da Cura." MA diss., Nova University of Lisbon, 2017 <http://hdl.handle.net/10362/28429>.
- NEIMARK, Jill. "Porridge, The Food That Built Empires, Stages A Savory Comeback." *WYSO*, October 27, 2016, <https://www.wyso.org/2016-10-27/porridge-the-food-that-built-empires-stages-a-savory-comeback>.
- PETKOVIC, Danijela. "'India is Quite Different from Yorkshire': Empire(s), Orientalism, and Gender in Burnett's *Secret Garden*." *Linguistics and Literature*, Vol. 4, No. 1, 2006. <http://facta.junis.ni.ac.rs/lal/lal2006/lal2006-09.pdf>.
- PRICE, Danielle R. "Cultivating Mary: The Victorian Secret Garden." *Children's Literature Association Quarterly* 16, no. 1 (2001): pp. 4-14. Project MUSE.
- STRALEY, Jessica. *Evolution and Imagination in Victorian Children's Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

BIONOTE

Marisa Alexandra da Silva Martins has a BA in Portuguese and English Studies (2015) and a MA in Anglo-American Studies (2017), both at Nova University of Lisbon. Her dissertation was on British Children's Literature and Post-Colonial Studies, which are her main areas of interest. She is currently enrolled in the same field of studies as a PhD student at the same institution. Moreover, she is working at Instituto de História Contemporânea as a researcher. For her doctorate, she is still investigating British Children's Literature produced from the nineteenth to the twenty-first centuries. She has presented papers on Children's Literature, Postcolonial Studies and Food Studies. She is also interested in Mythology, Ancient History, Young Adult Literature, Folk and Fairy Tales.

RESUMO

O presente artigo tem por objectivo analisar a presença do império britânico num dos maiores clássicos da literatura infantil, *The Secret Garden* de Frances Hodgson Burnett (1911). Distanciando-se da literatura infantil da época, dirigida a rapazes e profundamente imperialista, Burnett opta por empregar um discurso anti-imperialista. A Índia é constantemente criticada ao longo do romance pela autora, que utiliza temáticas, tais como o clima, a paisagem e a saúde das personagens, a fim de sublinhar o impacto negativo causado pelo império, tanto nas crianças como nas respectivas famílias. Iremos analisar estas temáticas, destacando as soluções apresentadas pela autora no tocante aos problemas aludidos pela mesma.

Palavras-chave: literatura infantil, império britânico, Índia.

ABSTRACT

This article aims at highlighting the presence of the British Empire throughout one of the most beloved children's classics, *The Secret Garden* by Frances Hodgson Burnett (1911). By stirring away from popular children's books, produced for boys and supported by the imperial agenda, Burnett endorses an anti-imperial discourse. India is constantly criticized by the author, who uses themes such as the climate, the landscape and the character's health in order to emphasize the negative impact empire has on children and their families. We will study these themes and we will call attention to the author's solutions in regards to these problems.

Keywords: children's literature, British Empire, India.